



**IFG**  
faz  
**CIÊNCIA**

REPORTAGEM 3

# A MULHER NA MÚSICA SERTANEJA

# A MULHER NA MÚSICA SERTANEJA

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS LETRAS COMPROVA MACHISMO AO LONGO DO TEMPO E PESQUISA REVELA SENSO CRÍTICO DOS ESTUDANTES

**O**uvir música, cantar em alto e bom som, dançar livremente, são práticas do cotidiano aparentemente banais. A música, como forma de expressão cultural, entretanto, pode mostrar coisas essenciais da sociedade em que está inserida. A partir dessa premissa, uma professora e três estudantes do Câmpus Goiânia do Instituto Federal de Goiás (IFG) decidiram se debruçar sobre a música sertaneja e analisar como a mulher é retratada nela.

O caminho percorrido foi longo, mas a professora Lídia Milhomem, doutora em Geografia, não teve dificuldades em encontrar estudantes interessadas no projeto. Já nas conversas iniciais Marília Santana Lima e Isadora Coutinho da Costa, na época alunas do curso técnico integrado de Controle Ambiental, e Géssika Fernandes da Silva, aluna do curso técnico de Instrumento Musical, demonstraram empolgação.

Coube à professora, inicialmente, mostrar como a pesquisa sobre a retratação da mulher na música sertaneja inseria-se entre os objetos da geografia cultural, que abarca práticas do cotidiano. Com a música sertaneja presente e reverenciada

no estado de Goiás, a pertinência da proposta estava evidente.

O projeto de pesquisa *“Do Mato ao Batom Cereja: a evolução e retrocesso do retrato das mulheres nas músicas sertanejas”* foi aprovado dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica na Ensino Médio (Pibic-EM), em 2021. Isadora e Géssika ganharam bolsas e Marília ficou no projeto como voluntária.

Depois do projeto elaborado, foram três frentes de trabalho. A primeira delas pesquisa bibliográfica; a segunda, análise das letras de uma seleção de músicas; e, a última, a aplicação de um questionário junto a um grupo de cerca de 120 estudantes do IFG, para aferição da visão deles sobre a música sertaneja.

Mesmo considerando uma diferenciação histórica entre o sertanejo raiz (ou caipira) e o sertanejo universitário, já na pesquisa bibliográfica os resultados despontaram como desfavoráveis à mulher.

A leitura de vários autores fez com que a equipe da IFG partisse do pressuposto que “esse estilo é responsável por disseminar preconceitos evidentes

8 F#m E E E E Bm Bm **1º Verso**

8 F#m E E E E Bm Bm **1º Verso**

15 D F#m E **2º Verso** Bm D A E

15 D F#m E **2º Verso** Bm D A E

21 Bm D F#m E E

21 Bm D F#m E E

**Refrão** D A E

**Refrão** D A E

**Solo** Bm D F#m

**Solo** Bm D F#m

36 **2º Verso** Bm D A E

36 **2º Verso** Bm D A E

38 Bm D F#m E E

38 Bm D F#m E E

**Refrão** D A E

**Refrão** D A E

45 Bm D F#m

45 Bm D F#m

48

48

51 E Bm D F#m

51 E Bm D F#m

**Solo Final** E Bm D

**Solo Final** E Bm D

59 F#m E Bm

59 F#m E Bm

dentro de suas composições, como o machismo, a apologia à violência contra a mulher, a visão domesticada feminina”.

As pesquisadoras chegaram à compreensão de que “o rebaixamento da imagem da mulher nas músicas sertanejas cantadas por homens segue uma visão histórica marcada pela invisibilidade feminina e a reafirmação inconsciente das relações de poder entre homens e mulheres”.

Também afirmaram, no relatório final da pesquisa, que há uma objetificação da mulher tanto no sertanejo raiz quanto no sertanejo universitário, mas que, nesta última modalidade, a mulher aparece com mais liberdade, alguém sensual, que frequenta festas, que é “fácil” e causa sofrimento para o homem.

“Estudamos muito e cada texto que a gente lia e debatia aumentava o nosso senso crítico. As leituras abriram minha mente. Depois, comecei a analisar as letras das músicas e fui entendendo o real significado de cada palavra”, conta Marília Santana Lima, atualmente com 20 anos e cursando faculdade de Enfermagem.

Segundo ela, a música sertaneja dissemina o machismo e muitos preconceitos contra as mulheres. “Isso às vezes é escancarado, mas também aparece sutilmente, indiretamente, como quando coloca a mulher como dependente emocional do homem”, alertou.

Já a professora Lídia Milhomem chama a atenção para o aspecto lúdico da música sertaneja e que leva a maioria a não prestar atenção nas letras, muitas delas machistas e apresentando situações violentas, de relações abusivas.



# REBAIXAMENTO E OBJETIFICAÇÃO DA MULHER

**N**a análise das letras das músicas sertanejas, as pesquisadoras constaram que o machismo está presente ao longo da história e aparece de maneiras diferentes no sertanejo universitário e sertanejo raiz. Elas estudaram dezenas delas e escolheram quatro para serem detalhadas no relatório da pesquisa, por serem muito emblemáticas.

Na música *Franguinho na panela*, de Craveiro e Cravinho, lançada no ano 2000, por exemplo, o modelo patriarcal de família, na qual o homem é o provedor e a mulher é a cuidadora, aparece claramente:



*“Eu levanto quando bate o sininho da capela e lá vou eu pro roçado, tenho Deus em sentinela. Tem dia que meu almoço é o pão com mortadela, mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos têm franguinho na panela.”*



As pesquisadoras concluem: “Nesse trecho da canção é perceptível a ideia do homem provedor, a ideia de sacrifício pelo bem-estar da família [...] vale analisar que o sertanejo raiz também teve grande papel na representatividade da vida rural das famílias que eram invisibilizadas e viviam no campo, mas não se sustenta ao representar o verdadeiro peso do trabalho na figura feminina, que são excluídas das estatísticas, na agricultura familiar as mulheres dedicam 21,3 horas por dia ao trabalho doméstico

(IBGE). Nesse sentido, o trecho se justifica na ideia central de que a mulher nasceu para o campo, para cozinhar no lar, para exercer o papel da maternidade.”

Já na canção *Maria Chiquinha*, lançada em 1961 na voz da comediante Sônia Mamede e mais tarde cantada pela dupla infantil Sandy & Junior, as pesquisadoras identificaram romantização de comportamentos abusivos e violência simbólica contra a mulher:

***“Que c'ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?***

***Que c'ocê foi fazer no mato?***

***Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem. Eu precisava cortar lenha.***

***Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?***

***Quem é que tava lá com você?”***

E mais, ao analisar outro trecho da letra, as pesquisadoras constataram que há apologia direta da violência e objetificação do corpo da mulher, que pode ser desprezado.



***“Os passarinhos comeram tudo, Genaro, meu bem***

***Os passarinhos comeram tudo***

***Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha***

***Então eu vou te cortar a cabeça***

***Que c'ocê vai fazer com o resto, Genaro, meu bem?***

***Que c'ocê vai fazer com o resto?***

***O resto? pode deixar que eu aproveito.”***



“No ano de 1992, no programa Clube do Bolinha, Sandy & Junior ainda crianças interpretaram a música ao vivo, cuja repercussão foi alta. A composição, mesmo contendo explícita apologia, foi interpretada em teor gentil e amigável pelo meio infantil, fato esse que se justifica pela maneira que a mídia suaviza a violência e a misoginia através de recursos simbólicos. Sendo assim, no sertanejo raiz temos a visão da mulher domesticada, reclusa ao lar,

impedida de conhecer o mundo afora exceto para a agricultura familiar, não sendo vista como indivíduo autônomo com questões emocionais, financeiras e liberdade própria”, registram elas no relatório da pesquisa.

Dando um salto para o sertanejo universitário, o grupo das pesquisadoras do IFG analisou a música *Vidinha de balada*, interpretada pela dupla Henrique e Juliano, lançada em 2017.

***“A gente ficou, o coração gostou não deu pra esquecer.***

***Desculpa a visita, eu só vim te falar***

***Tô afim de você e se você não tiver ‘cê vai ter que ficar***

***Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada.***

***[...] Vai namorar comigo sim, vai por mim igual nós dois não tem.***

***Se reclamar ‘cê vai casar também.”***

“Observamos que a figura feminina continua sem autonomia de escolha [...] colocada como figura passiva assim como Maria Chiquinha no passado. O verso também faz apologia a comportamentos abusivos e representa que, mesmo décadas depois, a liberdade feminina ainda é questionada por um homem [...] observa-se novamente uma romantização

embasada no estereótipo de que mulheres necessitam de uma cara-metade e são feitas para outros homens”.

Na canção que deu nome à pesquisa: *Batom de Cereja*, lançada em 2021 pela dupla Israel e Rodolfo, as pesquisadoras identificam “uma forte objetificação da mulher como uma fonte de prazer e a colocação desta como um motivo de sofrimento para o homem. No trecho:

***“[...] Será que eu vou ficar de boa, pegando outra***

***e vendo você ficar com outra pessoa***

***Não vou não, já dispensei a gata que eu tava [...]***

***[...] Eu vim aqui foi pra beber e passar raiva,***

***Tô solteiro na night, ‘cê tá batendo muito mais que um grave***

***Enquanto o som do paredão toca***

***Cê gasta o seu batom de cereja***

***Eu bebo, ‘cê beija, eu bebo, ‘cê beija [...]***”

# FEMINEJO: SERÁ MESMO EMPODERAMENTO?

Um aspecto das mudanças ocorridas na música sertaneja, em especial do sertanejo universitário, não poderia passar despercebido pela pesquisadoras do IFG: o crescimento do número de mulheres cantoras e do sucesso delas junto ao público. Até mesmo o neologismo “feminejo” foi criado para designar a música composta e cantada por mulheres e voltada para o público feminino.

No “feminejo” as mulheres deixam o papel do lar e assumem comportamentos associados ao masculino, como beber e se divertir. A pesquisa cita a música *Nem te culpo*, cantada por Naiara Azevedo, para afirmar que há um empoderamento feminino na forma como a mulher traída lida com a traição e como se liberta da dominação sexual masculina:



*“Sua maior frustração não  
É eu tá tirando você da minha vida  
É saber que me traiu  
Só pra alimentar a sua autoestima  
Que de alta não tem nada  
Você só dá conta de uma madrugada [...]  
É, no fundo, lá no fundo  
Eu nem te culpo  
Você não soube o que fazer com isso tudo  
Que eu coloquei de baby doll na sua cama  
Eu tive que aprender a me satisfazer sozinha”*



# SERTANEJO RAIZ X SERTANEJO UNIVERSITÁRIO

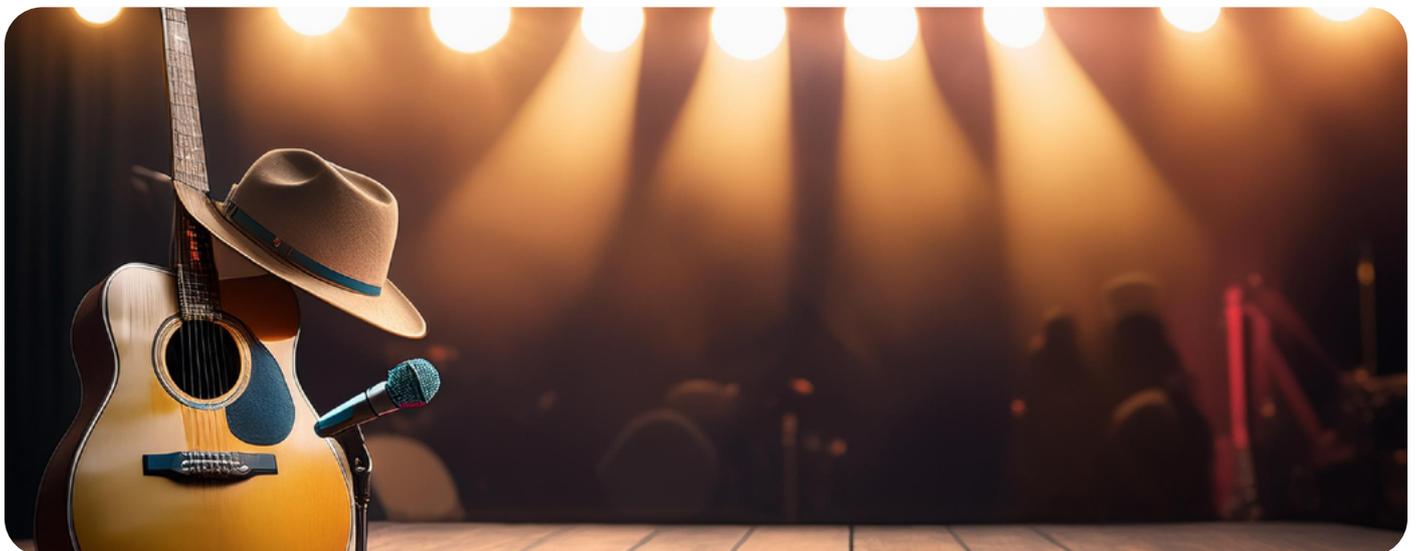
“A origem do sertanejo raiz está intimamente ligada ao processo de colonização do Brasil. Esse estilo tem como marca a viola, instrumento que chegou ao Brasil por meio dos jesuítas e foi utilizado na catequização dos povos indígenas aqui presentes. Dessa forma, à medida que o interior do Brasil foi sendo ocupado, os povos residentes nestas regiões passaram a ser conhecidos como caipiras e levaram consigo a viola que era tocada como forma de lazer. [...]”

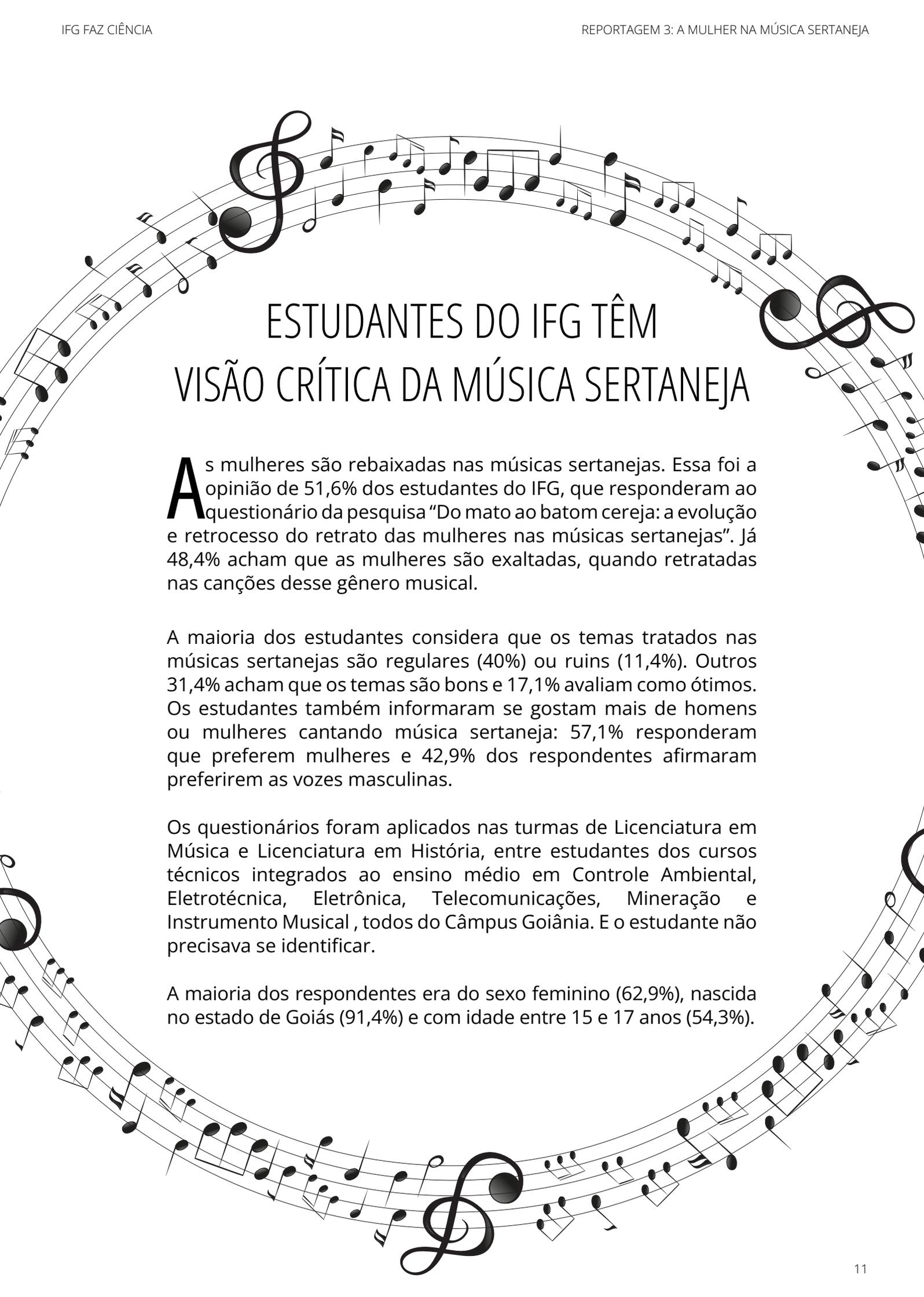
Assim, Goiás se destaca na musicalidade sertaneja por ser um estado pertencente ao interior do Brasil, no qual as atividades econômicas eram oriundas do campo até pouco tempo atrás e as características desse modo de vida estão presentes na essência goiana até os dias atuais.

O sertanejo começou a sofrer alterações desde a década de 60 devido ao processo de expansão da indústria musical no país.

Contudo, o termo sertanejo universitário que caracteriza a segunda etapa desse gênero musical que culminou no final da década de 2000 tendo como precursores os jovens que saíam do interior para estudar nas faculdades das capitais e levavam consigo a viola, inserindo nesse estilo características da vida urbana juvenil e inserindo futuramente características de outros estilos musicais para tornar as músicas mais dançantes.

A antiga imagem do caipira malvestido, banguela, com chapéu de palha foi superada. As novas duplas usam roupas de grife, cabelo bem aparado e penteado. As mudanças estilísticas têm forte apelo comercial destinado a um público ávido por novidades. Dessa forma o sertanejo universitário ganhou popularidade e reconhecimento midiático passando a fazer parte de baladas e shows trazendo um conteúdo diferente nas canções abordando principalmente a vida de solteiro, as baladas e a sensualidade.” (texto do relatório da pesquisa)





## ESTUDANTES DO IFG TÊM VISÃO CRÍTICA DA MÚSICA SERTANEJA

**A**s mulheres são rebaixadas nas músicas sertanejas. Essa foi a opinião de 51,6% dos estudantes do IFG, que responderam ao questionário da pesquisa “Do mato ao batom cereja: a evolução e retrocesso do retrato das mulheres nas músicas sertanejas”. Já 48,4% acham que as mulheres são exaltadas, quando retratadas nas canções desse gênero musical.

A maioria dos estudantes considera que os temas tratados nas músicas sertanejas são regulares (40%) ou ruins (11,4%). Outros 31,4% acham que os temas são bons e 17,1% avaliam como ótimos. Os estudantes também informaram se gostam mais de homens ou mulheres cantando música sertaneja: 57,1% responderam que preferem mulheres e 42,9% dos respondentes afirmaram preferirem as vozes masculinas.

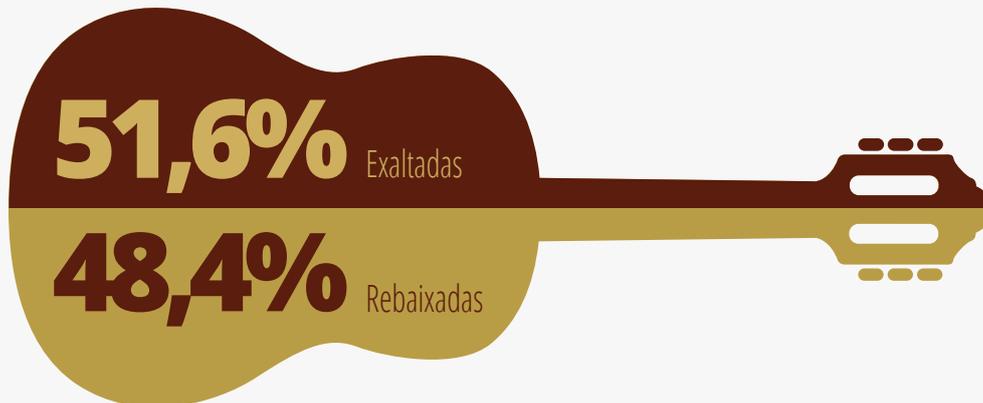
Os questionários foram aplicados nas turmas de Licenciatura em Música e Licenciatura em História, entre estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio em Controle Ambiental, Eletrotécnica, Eletrônica, Telecomunicações, Mineração e Instrumento Musical, todos do Câmpus Goiânia. E o estudante não precisava se identificar.

A maioria dos respondentes era do sexo feminino (62,9%), nascida no estado de Goiás (91,4%) e com idade entre 15 e 17 anos (54,3%).

# A OPINIÃO DOS RESPONDENTES

TRÊS PERGUNTAS DIRETAS POSSIBILITARAM AOS ESTUDANTES DO IFG  
OPINAREM SOBRE A MÚSICA SERTANEJA:

## VOCÊ ACHA QUE AS MULHERES SÃO EXALTADAS OU REBAIXADAS NAS MÚSICAS SERTANEJAS?





## O QUE VOCÊ ACHA DOS TEMAS ABORDADOS NAS MÚSICAS SERTANEJAS?



17,1%

Ruim



40%

Regular



31,4%

Bom



11,4%

Ótimo

## VOCÊ PREFERE MULHERES OU HOMENS CANTANDO SERTANEJO?



57,1%

Mulheres



42,9%

Homens

# O PERFIL DOS RESPONDENTES

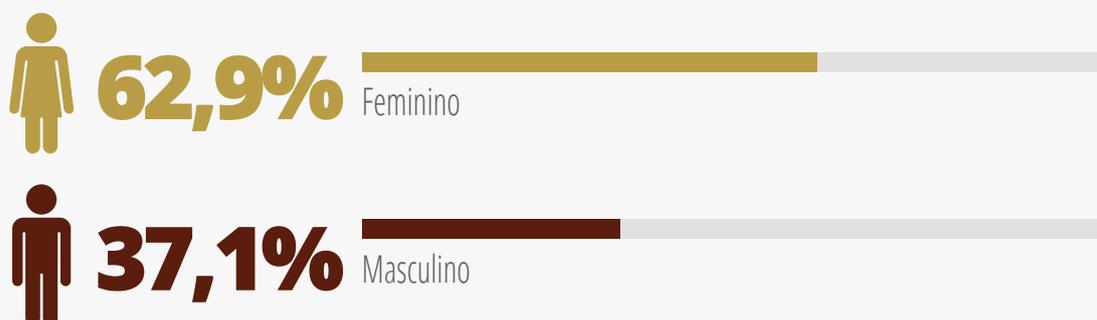
PARTICIPARAM DA PESQUISA ESTUDANTES DO CÂMPUS GOIÂNIA, DOS CURSOS SUPERIORES DE LICENCIATURA EM MÚSICA E EM HISTÓRIA E DOS CURSOS TÉCNICOS EM CONTROLE AMBIENTAL, ELETROTÉCNICA, ELETRÔNICA, INSTRUMENTO MUSICAL, MINERAÇÃO E TELECOMUNICAÇÕES

## FAIXA ETÁRIA

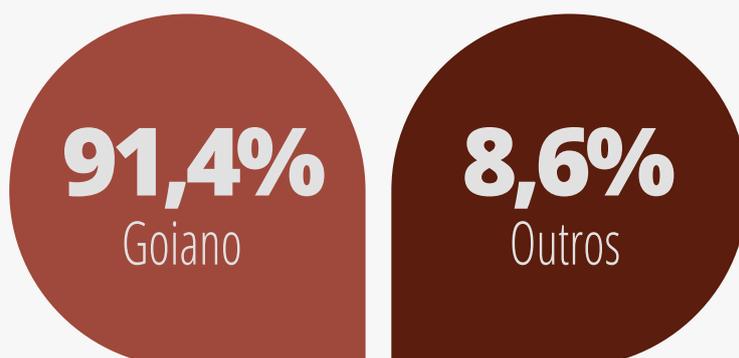




## QUAL O SEU SEXO?



## QUAL A SUA NATURALIDADE?



# MAIS CONHECIMENTO E MUDANÇAS PESSOAIS

**A**s estudantes Isadora Coutinho da Costa e Marília Santana de Lima participaram do projeto de pesquisa “Do mato ao batom cereja: a evolução e retrocesso do retrato das mulheres nas músicas sertanejas” e foram muito impactadas por ele.

Marília mudou seu gosto musical e também alguns de seus hábitos. “Passei a gostar de outro tipo de música e passei a observar mais as falas e os comportamentos das minhas colegas”, conta. Isadora continuou gostando de música sertaneja, mas também adquiriu o hábito de analisar as letras das músicas. “Mudou a minha perspectiva”, diz.

Marília participou do projeto de pesquisa como voluntária e afirma que cresceu como aluna e como pessoa. “Participar do projeto foi sair da caixinha. Como pessoa, me tornei mais crítica; como aluna, passei a entender a importância do rigor científico. Fazer uma pesquisa científica já no ensino médio foi um diferencial muito grande”, diz.

Marília recorda-se também de que, no IFG, os estudantes não gostavam muito do gênero sertanejo. Segundo ela, as músicas mais ouvidas eram pop e rap, com letras que falavam mais de estudos, trabalho, profissões. E, atualmente, no curso de Enfermagem, a presença do sertanejo é maior.

## CONHECIMENTO

Isadora, que participou do projeto como bolsista, atualmente cursa o 3º período de Direito e afirma que a pesquisa lhe proporcionou um salto de conhecimento. “Fazendo o ensino médio, tive que aprender os aspectos formais da pesquisa científica e também como aprofundar uma temática. Isso me ajudou muito na faculdade”, comenta.

Uma das descobertas de Isadora foi a ampla bibliografia sobre a mulher na música sertaneja: “muitas pessoas pensaram a questão, o que facilitou a nossa própria reflexão”.

Isadora também teve de apresentar a pesquisa publicamente e considera que falar para o público foi uma “experiência incrível”.

Ela continua gostando do gênero sertanejo, mas adotou a análise crítica das letras como prática corrente. “Às vezes, dependendo do lugar em que estou, ouço todas, mas muitas já não agradam mais”, diz.





“Passei a gostar de outro tipo de música e passei a observar mais as falas e comportamentos das minhas colegas” (Marília Santana de Lima)



“Temos de estudar as práticas do cotidiano. No caso da música sertaneja, em festas, nos bares, todos dançam e não prestam atenção nas letras” (Lídia Milhomem)



“Fazendo o ensino médio, tive que aprender os aspectos formais da pesquisa científica e também como aprofundar uma temática. Isso me ajudou muito na faculdade” (Isadora Coutinho da Costa)



## EXPANSÃO DA PESQUISA PARA OUTRO GÊNERO MUSICAL

Conhecedora da realidade do estado de Goiás e da força da música sertaneja, a professora Lídia Milhomem continua pesquisando suas repercussões nos comportamentos e na cultura local. O enfoque continua sendo a retratação das mulheres. “Em festas, nos bares todos dançam e não prestam atenção nas letras”, observa.

A falta de criticidade da maioria em relação aos conteúdos das letras não

é uma característica somente dos amantes do gênero sertanejo. Tanto é assim que a professora Lídia abriu outra frente de pesquisa: como a mulher é retratada no funk.

Segundo ela, a geografia cultural é uma parte muito importante da geografia e tem dado contribuição significativa para o mundo acadêmico e para a sociedade, ao estudar as práticas do cotidiano.

© 2024 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.  
É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.



Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - ProPPG  
Diretoria de Comunicação Social - DICOM

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América  
Goiânia/GO | CEP 74270-040

(62) 3612-2210

[ccs@ifg.edu.br](mailto:ccs@ifg.edu.br)

PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA



**CHAMADA PÚBLICA - PROGRAMA DE DIVULGAÇÃO  
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA - IFG FAZ CIÊNCIA**  
EDITAL n° 32/2022-PROPPG, de 27 de setembro de 2022.

### **FICHA TÉCNICA DA REPORTAGEM 3: "A MULHER NA MÚSICA SERTANEJA"**

#### **Texto e Revisão**

**MARIA JOSÉ BRAGA**

Jornalista (Dicom)

#### **Projeto Gráfico**

**ISABELA MAIA MARINHO**

Técnicóloga em Design Gráfico (Dicom)

#### **Capa e Diagramação**

**MICHELE JUSSARA BAGESTÃO**

Programadora Visual (Dicom)

#### **Revisão**

**ADRIANA SOUZA CAMPOS** - Jornalista (Dicom)

**PAOLA NUNES DE SOUZA** - Redatora (Dicom)

Imagens: Adobe Firefly

Elementos gráficos: Freepik